O GLOBO
Publicado em 24/02/2024 - 05:57

Espionagem de Abin sob Bolsonaro monitorou apoiadores e até aliados

AMPLA ESPIONAGEM

Abin monitorou alvos de perfil que atacava esquerda nas redes e até aliados de Bolsonaro

DIMITRIUS DANTAS E THIAGO BRONZATTO
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

A lista de alvos monitorados pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), obtida pelo GLOBO, revela indícios de que durante o governo de Jair Bolsonaro foram espionados políticos, assessores parlamentares, ambientalistas, caminhoneiros, acadêmicos e até aliados do ex-presidente. Os dados estão registrados no sistema israelense FirstMile, usado pelo órgão entre 2019 e 2021 para vigiar a localização de pessoas por meio da conexão de dados do celular.

Uma das operações de espionagem da Abin ocorreu entre junho e julho de 2019, quando o perfil "Pavão Misterioso" causou alvoroço nas redes. A conta anônima no então Twitter (atual X) divulgava insinuações falsas sobre políticos de esquerda. Uma delas tratou de um suposto acordo para a venda de mandato do ex-deputado federal Jean Wyllys (hoje no PT) para o seu sucessor na Câmara, David Miranda, o que foi desmentido.

No mesmo período, foi salvo num sistema da Abin o arquivo "pavão.pdf". O registro envolvia uma reprodução de tela de pesquisas realizadas em nome de Wyllys, Miranda e do jornalista Leandro Demori, que trabalhava no site The Intercept, responsável por divulgar mensagens do ex-juiz Sergio Moro, então ministro da Justiça de Bolsonaro, e procuradores da Lava-Jato. Falsas acusações sobre Demori também foram publicadas no perfil do "Pavão Misterioso".

No mês seguinte, em 6 de julho de 2019, foram feitas três consultas no FirstMile, operado pela Abin, utilizando celulares vinculados a Wyllys e Miranda, que era casado com Glenn Greenwald, então jornalista do The Intercept. Procurado, Wyllys afirmou que era visto como "inimigo político" pelo governo Bolsonaro.

O programa israelense utilizado pela Abin monitorava alvos selecionados por meio da geolocalização de celulares. Esse esquema de espionagem ilegal foi revelado pelo GLOBO em março do ano passado — e, desde então, passou a ser investigado pela Polícia Federal. Em nota, a Abin destacou que "é a maior interessada na apuração rigorosa dos fatos e continuará colaborando com as investigações".

Registros do FirstMile apontam indícios de que o sistema também foi usado para monitorar os passos de assessores parlamentares. Um dos alvos foi uma linha telefônica vinculada a Alessandra Maria da Costa Aires, lotada no gabinete do senador Confúcio Moura (MDB-RO). No período da suposta espionagem, o parlamentar fez críticas a Bolsonaro por suas declarações na pandemia e votou contra a facilitação ao porte de armas.

Celulares vinculados a assessores de políticos de direita também foram monitorados. É o caso de Evandro de Araújo Paula, que trabalhou para a deputada bolsonarista Bia Kicis (PL-DF). No período da vigilância, entre abril e maio de 2020, o auxiliar legislativo participou do acampamento do grupo radical "Os 300 do Brasil", que se alojou na Esplanada dos Ministérios e lançou fogos de artifício contra o STF. Ele afirmou que não sabe o motivo pelo qual se tornou alvo da Abin.

Em 2019, um assessor que trabalhava no Palácio do Planalto no governo Bolsonaro também entrou na mira. Segundo dados do FirstMile, foram realizadas 146 consultas em um número de celular vinculado a Giacomo Romeis Hensel Trento. Na ocasião, ele era secretário de Relações Governamentais da Casa Civil sob Onyx Lorenzoni.

Hoje deputado federal, Gustavo Gayer (PL-GO) também foi alvo de monitoramento em região próxima ao Congresso. Durante a pandemia, ele ganhou popularidade entre bolsonaristas ao divulgar vídeos com informações falsas sobre a Covid-19. Não há detalhes no sistema da Abin sobre o motivo da vigilância do atual parlamentar. A assessoria do deputado afirmou que ele não tinha conhecimento do monitoramento. Ex-integrantes do governo Bolsonaro e oficiais da Abin relatam que o ex-presidente nutria desconfiança em relação ao próprio entorno.

ACADÊMICOS NA MIRA

O uso do FirstMile levou a Polícia Federal a abrir investigação. Em janeiro, o ex-chefe da Abin no governo Bolsonaro, Alexandre Ramagem, foi alvo de operação que apura a arapongagem clandestina. O deputado nega irregularidades.

Os dados registrados no software também mostram que a Abin estava interessada em acompanhar os passos de ambientalistas. Entre os alvos, estavam Marcelo José de Lima Dutra, ex-analista ambiental do Ibama e ex-presidente do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas, e Newton Coelho Monteiro, engenheiro que atuava na detecção de queimadas e desmatamento no mesmo órgão amazonense. Dutra, que também teve uma atuação acadêmica, afirmou que o caso configura um "ato de violência do Estado".

Outro alvo foi Hugo Ferreira Netto Loss, então coordenador de Operações de Fiscalização do Ibama. Ele encabeçou uma ação contra garimpos em terras indígenas no sul do Pará e foi exonerado em abril de 2020, no mesmo período em que foi espionado pela Abin.

Ao longo do governo, Bolsonaro fez diversas críticas a ambientalistas e à destruição de equipamentos em operações do Ibama.

Os registros do FirstMile também revelam que, entre setembro e novembro de 2020, os agentes da Abin fizeram 102 consultas a um número de telefone vinculado à professora da Universidade de Brasília (UnB) Chang Chung Yu Dorea, primeira brasileira a conseguir o título de doutora em Matemática no exterior. Ela afirmou desconhecer o motivo pelo qual a vigilância teria acontecido.

Em fevereiro de 2020, um vazamento de dados trouxe à tona a identidade de um agente da Abin lotado na UnB exercendo o cargo de vigilante, função desempenhada geralmente por terceirizados.

As investigações identificaram ainda consultas realizadas em celulares que pertencem a jornalistas. Além de Leandro Demori, o repórter Afonso Mônaco, da TV Record, e o consultor de comunicação Pedro César Batista, ativista pró-Palestina, foram alvos do FirstMile, conforme mostrou o portal Metrópoles. Batista disse que acredita que o monitoramento tenha relação com sua atuação contra o governo Bolsonaro.

Outro grupo sob vigilância é formado por caminhoneiros. Ao todo, foram registrados 86 integrantes da categoria monitorados pela agência. Um deles foi Wallace Landim, o Chorão, uma das lideranças da greve de 2018. Durante o governo Bolsonaro, ele e outros integrantes da categoria ameaçaram realizar outra paralisação. Ele afirmou que acredita ter sido monitorado por não defender a gestão Bolsonaro.

Um dos dirigentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte e Logística (CNTTL), Carlos Alberto Litti Dahmer também teve os passos vigiados pela Abin. Filiado ao PT, fez reclamações em 2019 sobre nova tabela do frete rodoviário e chegou a convocar a categoria para aderir a uma paralisação nacional para contestar o valor do diesel e do preço do gás de cozinha, o que não ocorreu.

OPERAÇÃO 'ADELITO'

Registros também apontam que a Abin monitorou uma pessoa em Juiz de Fora (MG), município em que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi alvo de um atentado à faca promovido pelo ex-garçom Adélio Bispo na campanha de 2018. O plano de operação foi apelidado de "Adelito", segundo os dados colhidos no sistema.

A vigilância da Abin foi feita em um número de celular vinculado a uma mulher presa por um ataque a quatro ônibus e que seria casada com um detento que se autointitulava integrante de uma facção criminosa paulista. Ao longo das investigações envolvendo o atentado, apoiadores e integrantes do governo chegaram a especular sobre a participação de membros de uma organização criminosa. Essa hipótese, porém, foi investigada e descartada pela Polícia Federal. *(Colaboraram Bernardo Lima e Eduardo Gonçalves)*

BRUNO SPADA / CÂMARA / 17-10-2023

FirstMile. Ramagem em sessão na Câmara: sob sua gestão, a Abin usou sistema israelense também para vigiar lideranças e assessores de políticos de direita

SOB MONITORAMENTO

O CASO 'PAVÃO MISTERIOSO'

O QUE ERA
Perfil apócrifo surgiu no X (ex-Twitter) em 2019 e divulgava falsas insinuações sobre políticos de esquerda. Os posts foram repercutidos pelo vereador Carlos Bolsonaro.

Temas abordados
Uma das acusações tratava de um suposto acordo para a venda de mandato, o que nunca se comprovou, do ex-deputado **Jean Wyllys** (PSOL-RJ) ao seu sucessor na Câmara, **David Miranda**.

O que a Abin monitorou
No mesmo período, integrantes da Abin passaram a monitorar os passos de Wyllys e Miranda. Em junho de 2019, foi salvo num sistema da Abin o arquivo "pavão.pdf".

Uso da ferramenta
No mês seguinte, em 6 de julho de 2019, foram feitas três consultas no FirstMile utilizando celulares vinculados a Wyllys e Miranda.

ALIADOS MONITORADOS
Quais nomes próximos ao bolsonarismo foram monitorados pelo First Mile

Gustavo Gayer
Hoje deputado federal (PL-GO), ganhou notoriedade com vídeos contra as medidas da pandemia

Giacomo Romeis Hensel Trento
Ocupou uma secretaria na Casa Civil durante a gestão de **Onyx Lorenzoni**

Evandro de Araújo Paula
Trabalhou para a deputada **Bia Kicis** (PL-DF) e fez parte do grupo radical 'Os 300 do Brasil'

Abin utilizou programa secreto para monitorar deslocamentos

A FERRAMENTA
A FirstMile, desenvolvida pela israelense Cognyte, ofereceu à Abin a possibilidade de identificar a localização de área de aparelhos que usam redes 2G, 3G e 4G.

CONTRATAÇÃO
A Agência adquiriu o sistema, com dispensa de licitação, por R$ 5,7 milhões no fim de 2018.

PERÍODO
A ferramenta foi utilizada ao longo do governo de Jair Bolsonaro até meados de 2021.

COMO FUNCIONA

O programa rastreia o paradeiro de uma pessoa a partir de dados transferidos de seu celular para torres de telecomunicações em diferentes regiões.

Para isso, bastava digitar o número de um celular no programa, que exibia num mapa a última localização do dono da linha.

O sistema oferecia acesso ao histórico de deslocamentos e até "alertas em tempo real" de movimentações de um alvo.

É possível fazer a consulta de até 10 mil donos de celulares a cada 12 meses.

EDITORIA DE ARTE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.